



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA  
DIRETÓRIO ACADÊMICO DE BIBLIOTECONOMIA  
XIV Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência da  
Informação e Gestão da informação  
Os novos campos da profissão da informação na contemporaneidade  
16 a 22 de janeiro de 2011

## ESPAÇOS DE SIGNIFICAÇÃO E A REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO<sup>1</sup>

Maria Sueny Barbosa Soares\*

Mariana Thamires Martins\*\*

Rafael José Freitas Gomes\*\*\*

Marivalde Moacir Francelin \*\*\*\*

### RESUMO

Aborda o uso dos espaços de significação como ambientes de criação artística, cultural e científica, analisando, no prisma semiótico, as características dinâmicas e constantes da representação da informação, que depende principalmente da ação dos sujeitos desse espaço. Objetivando analisar o conceito de espaços de significação na previsão da prática nas ciências, esse estudo verifica a formação de como memórias científicas são cravadas e usadas na linguagem natural e na artificial. A pesquisa usa o método de revisão de literatura delimitando a análise dos textos de pesquisadores do campo da Ciência da Informação e em áreas correlatas que contemplem em seus estudos a ciência como um jogo de forças no campo de uso da linguagem e de sua representação. A pesquisa dividiu-se em duas partes: o que são os espaços de significação e linguagens de representação documentária; e, a análise de textos que estabelecem o campo da linguagem como contexto principal para o acontecimento, representação e organização do conhecimento. O presente trabalho apresenta as discussões parciais da primeira parte da pesquisa.

Palavras-chave: Representação da informação. Espaços de significação. Linguagens documentárias. Memória documentária.

---

<sup>1</sup> Trabalho científico de comunicação oral apresentado ao GT nº 3 – Representação da Informação.

\* Aluna da graduação em Biblioteconomia da UFPE. E-mail: [mariasueny@yahoo.com.br](mailto:mariasueny@yahoo.com.br)

\*\* Aluna da graduação em Biblioteconomia da UFPE. E-mail: [mariana-thamires@hotmail.com](mailto:mariana-thamires@hotmail.com)

\*\*\* Aluno da graduação em Biblioteconomia da UFPE. E-mail: [rafaeljfg@gmail.com](mailto:rafaeljfg@gmail.com)

\*\*\*\* Professor do Departamento de Ciência da Informação da UFPE: [mfrancelin@yahoo.com.br](mailto:mfrancelin@yahoo.com.br)

## **1 INTRODUÇÃO**

Apresentamos, neste texto, as primeiras incursões sobre o recorte temático “Espaços de significação, produção e organização do conhecimento”. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é tratar desta linguagem dentro dos espaços de significação, que, no presente trabalho se referem à regiões ou grupos particulares geradores de novos conceitos. Veremos, por meio de revisão de literatura, como se dá a estrutura do conceito, dos signos e a relação entre as linguagens naturais e artificiais, tentando discutir os problemas da representação da informação nestes lugares específicos.

Com sentido metafórico, e desconfortável segundo Burke (2002, p.175), o termo “explosão” informacional ou de documentos aparece, dentre outros fenômenos históricos, políticos e sociais, como a necessidade de pensar a dinâmica e tornar mais adequados os sistemas de organização e recuperação da informação.

Nesta perspectiva Dodebei (2002,p.11), afirma que

O livro, até então considerado o objeto de estudo inquestionável da Biblioteconomia passa a disputar espaço com outros gêneros e suportes documentais [...]. Essa primeira mudança de paradigma no âmbito da organização e disponibilização do conhecimento produz discussões sobre as técnicas de análise documental vigentes. Se no passado, a leitura que se podia fazer dos documentos (representação genérica) não atendia mais às necessidades de especificidade dos temas produzidos pela comunidade científica, era necessário o desenvolvimento de instrumentos que, ainda no plano da representação de conteúdo, dessem conta do saber ultra-especializado.

A representação da informação quase sempre utilizou linguagens artificiais e normativas para tal fim, porém com o aumento da quantidade e forma de produção e apresentação dos documentos surgiu a necessidade de criar novos parâmetros linguísticos que formalizassem esta representação.

## **2 CONCEITO E LINGUAGEM**

O conceito surgiu a partir do momento em que o homem alcançou a capacidade do raciocínio e da comunicação. Desde então passou a atribuir signos que designassem esses conceitos, o que hoje chamamos de linguagem. A linguagem vem para representar e traduzir os pensamentos e os elementos que permeiam meio social e cultural do homem, fazendo-o ser entendido pelos seus semelhantes. Não se deve, portanto, confundir conceito e linguagem. O

conceito foi construído através das épocas, e hoje incide para as novas gerações por meio da linguagem.

A natureza do conceito iniciou-se ainda pelos filósofos gregos, que acreditavam que a sua origem sobrevinha do “cerne” das coisas, caracterizando, dentre outras coisas, o que chamavam de essência necessária (ABBAGNANO, 2003, p.164). Platão e Aristóteles acreditavam na universalidade das coisas, daquilo que não pode fugir do que *é*, articulando assim os conceitos universais: aqueles que são imutáveis. Porém, Aristóteles expunha também a existência de outro tipo de conceito: “[...] conceito de indivíduo (do *sinolon*, ou composto de matéria e forma), mas não do indivíduo considerado em sua matéria, que é indeterminada, logo indefinível, e que, por exemplo, o conceito de homem é alma.” (ABBAGNANO, 2003, p.165).

Ou seja, o conceito se daria apenas em proporções que pudéssemos discernir sua totalidade; excluindo a possibilidade de conceituar objetos abstratos, tais como sensações e seres fantasiosos. A não ser que os mesmos traduzissem alguma reação física, como poderia ser o caso de algum sentimento ou emoção, que mesmo abstrato, pudesse ser, talvez, traduzido em movimentos do corpo. Este estudo do conceito foi avaliado ainda na forma de signo pelos estóicos. Os estóicos acreditavam que os conceitos não são uma representação ideal das coisas e sim a própria essência, portanto, podemos dizer que para os estóicos, o signo, a linguagem era por deveras a essência o próprio conceito. Estes fatos permeiam outras reflexões, que envolvem o uso do conceito de forma psíquica e cognitiva, por exemplo. Por outro, interessa-nos, no momento, apenas discernir sobre a estrutura fundamental dos conceitos, para levantar hipóteses subjacentes para o presente trabalho.

Atribuindo uma visão mais específica à área de Organização e Representação da Informação, a pesquisadora Ingetraut Dahlberg relata, na sua Teoria do Conceito, que os conceitos são formados por “elementos que se articulam numa unidade estruturada” (DAHLBERG, 1978, p. 102). A autora defende ainda, a relação dos objetos (que são os elementos a ser conceituados) e seus conceitos; subdividindo-os entre objetos individuais e gerais. Os objetos individuais se relacionam com o tempo e espaço e possuem características específicas e inconfundíveis. Já os objetos gerais tratam de objetos que estão fora de um tempo e espaço específico, abrangendo, portanto, um conceito mais geral. Essa é a diferença básica entre os conceitos e seus objetos. Além de tudo, segundo a autora, os conceitos podem se relacionar por possuírem características em comum, havendo relações lógicas, hierárquicas e de oposição. (DAHLBERG, 1987, p.104-105).

À relação conceito e linguagem incluíram diversas teorias e reflexões, para nós é importante delimitar o uso dos conceitos e da linguagem na representação da informação, perspectiva que engloba, principalmente, o desdobramento da cognição humana. Usando o prescrito que a linguagem representa os conceitos, podemos salientar que um signo pode conceber diversos significados, ou mais de um signo pode representar apenas um conceito (respectivamente polissemia e sinonímia). Valendo-se desse preceito, podemos dizer que tanto os conceitos, quanto a linguagem são mutáveis e dependem de diversos fatores para possuir um sentido pleno. As questões que se pode tirar destas primeiras reflexões é: até onde, utilizando estas linguagens, é possível fazer uma representação, fiel e eficaz, para recuperação da informação, sem esbarrar em casos como estes? Os conceitos e os signos usados para representar determinados objetos são diligentes o bastante?

### **3 ESPAÇOS DE SIGNIFICAÇÃO**

Espaços de significação são ambientes onde grupos específicos de indivíduos se comunicam entre si e produzem novas formas de cultura e conceitos. Os indivíduos estabelecem uma linguagem que possibilite a troca de informações, consolidando, assim, uma forma específica de comunicar:

Na comunicação, observa-se que todo falante assume o duplo papel de destinador e destinatário de mensagens, pois ao mesmo tempo em que é capaz de emití-las, sabe decifrá-las. Ou seja, na situação natural de comunicação o falante não emite mensagem que ele não seja capaz de decifrar.

Assim se introduz o falante no complexo domínio do sujeito, isto é, no universo da sua constituição e da sua relação com o outro. Na relação consigo mesmo e com o outro falante, opera com o ato de nomear que é feito com a língua, exterior ao indivíduo e submissa a uma espécie de contrato social firmado, naturalmente, pra garantir a comunicação. (CINTRA et al, 2002, p. 29)

Nestes ambientes não é diferente, porém, estamos falando de grupos capazes de produzir e transformar não só o meio em que vivem, mas também a forma de subsistência, se desassemelhando dos demais ambientes; isto implica dizer que são, além de tudo, irradiadores de novos conceitos, e até de outras linguagens. Quer dizer: “É pois a partir de um acordo entre sujeitos que os sinais são apreendidos e compreendidos, realizando, em sociedade, o caráter simbólico da língua, condição do pensamento.” (CINTRA et al, 2002, p.30).

É importante salientar as duas principais conjeturas que balizam este estudo: estes espaços de significação merecem maior atenção no âmbito da representação da informação, pois tradicionalmente os conhecimentos “apropriados” são produzidos em certas perspectivas,

existindo certa desvalorização dos conhecimentos desenvolvidos em outros espaços. Em segundo lugar, vemos que os parâmetros utilizados na representação da informação foram arquitetados e validados por modelos dominantes que, por sua vez, acabam não abrangendo os contextos que se diferem disto, denotando certa exclusão da parte periférica e geradora de informação e conhecimento.

### 3 LINGUAGENS NATURAIS E ARTIFICIAIS

É possível dizer que a palavra informação é polissêmica, adquirindo diversos significados a partir do ângulo em que é conceituada. Tem um papel importante na sociedade moderna, principalmente quando combinada com o conhecimento, formando assim um movimento cíclico, informação que gera conhecimento que conseqüentemente irá gerar informação.

É durante a Segunda Guerra Mundial e em seu período posterior que vemos a descoberta da noção de informação, além da iniciação de estudos nessa área, seja na constituição dos discursos, seja na criação de disciplinas específicas e é graças a interdisciplinaridade da palavra (informação), que vemos uma enorme produção de conhecimento. (CINTRA et al, 2002, p.20)

Com o emprego constante da palavra informação, é natural a variação conceitual. Desse modo é visto a inserção da palavra em diversas áreas do conhecimento, onde podemos observar a complementação de ambos os objetos como é mostrado por (CINTRA et al, 2002, p.20):

- “enquanto o conhecimento é estruturado, coerente [...] a informação é fragmentada e particular.
- [...] o conhecimento é de duração significativa, a informação é temporária, transitória [...].
- enquanto o conhecimento é um estoque, a informação é um fluxo de mensagens.”

Devido a essa produção exponencial de conhecimentos, sendo chamado por (BUSH<sup>2</sup> apud SARACEVIC, 1996, p.2) de “*explosão informacional*”, vemos a necessidade de registrar esse conhecimento num dado suporte, passando a ser conhecido como um documento.

---

<sup>2</sup> BUSH, V. As we may may think. *Atlantic Monthly*, v.176, n.1, p. 101-108, 1995.

Na visão de Bufrem sobre o documento adotamos a ideia de qualquer unidade impressa ou não, passível de catalogação ou indexação. Segundo Cintra, após o procedimento de identificação do documento, é feita a descrição de conteúdo, designada como *análise documentária*: “essa etapa [...] de descrição das informações que trazem o documento, e a tradução dessas informações numa formulação aceitável pelo sistema adotado” (CINTRA et al, 2002), e é a partir da recuperação desses documentos pelo sistema que vemos a relação da linguagem natural (linguagem dos usuários) com a informação.

### 3.1 Linguagem documentária (ld)

Linguagens construídas, chamadas de Linguagens Documentárias, são usadas, basicamente, no contexto documental. “As linguagens documentárias inserem-se no âmbito da análise documentária que por sua vez, se define como uma atividade metodológica específica no interior da documentação”. (CINTRA et al, 2002, p.34).

As LD's (Linguagens Documentárias) tem como objetivo apresentar de maneira clara e sintética o conteúdo dos documentos. Criadas, em certo sentido, para facilitar a comunicação, essas linguagens equivalem aos conjuntos de símbolos padronizados ou normalizados. Diferentemente da linguagem natural, que não segue uma padronização terminológica, é polissêmica e usada em diversos contextos, as linguagens documentárias são construídas apenas para o contexto documental, utilizadas para indexação, recuperação e armazenamento da informação.

Enquanto a linguagem natural é considerada polissêmica a linguagem documentária é considerada de “natureza monossêmica”. As LD's apresentam apenas um significado para o significante, diferentemente da linguagem natural que possui um significante e diversos significados, como exemplifica o quadro abaixo:



(Fonte: CINTRA et al, 2002, p.69)

Com as diferentes conceituações dadas as LN's (Linguagem Natural) , há uma grande concentração em estudos de Linguística para tornar viável esta informação, tentando evitar ao máximo os problemas com vocabulário.

Segundo (CINTRA et al, (2002, p.42), as linguagens documentárias mais consistentes geralmente dispõem de “[...] um vocabulário que integra elementos da linguagem especial e linguagem natural [...]”, visando à compatibilidade do usuário com o sistema. Ainda, segundo as autoras, “O vocabulário documentário tem por objetivo, reunir tudo aquilo que possa obter o sentido de ambiguidade, polissemia, variações idioletais, pobreza informativa”; ele é fixado de tal forma onde os significados tenham apenas um significante.

As linguagens documentárias mais conhecidas são os tesouros e os sistemas de classificação bibliográfica (GOMES, 1990 apud CINTRA et al, 2002) - onde a CDD(Classificação Decimal de Dewey), CDU (Classificação Decimal Universal) e LC (Library of Congress) tentam cobrir de maneira geral todo o conhecimento; os tesouros são conhecidos pelo controle de vocabulário, partindo de uma ideia para se chegar na palavra que melhor a representa.

### **3.2 Polissemia e ambiguidade nas ld's**

Pode-se dizer que a polissemia e a ambiguidade na linguagem documentária devem ser neutralizadas para que a monosssemia seja garantida entre o significante e o significado. Visto que a palavra polissemia, tem como significado, adquirir a palavra diversas significações como em: “O *gato* do meu primo saiu essa noite”, a palavra *gato* na sentença nos dá a ideia de gato = animal de estimação ou gato = referente a beleza de meu primo.

Um exemplo de ambiguidade pode ser, de acordo com (CINTRA et al), (2002,p.71) “Os juízes encaravam os réus *enigmáticos*”, a palavra *enigmáticos* pode ser atribuída aos juízes ou aos réus. Embora a ambiguidade seja facilmente descoberta pelo contexto, isso não ocorre na polissemia, pois a “armadilha é acreditar que a palavra tenha apenas um significado”. É possível, segundo as autoras, neutralizar a polissemia utilizando tanto a sinonímia quanto a hiponímia. A sinonímia funciona numa relação de equivalência, sendo extremamente importante, pois “[...] visa remeter o usuário de um termo não preferencial, para um termo selecionado ou preferencial”. (CINTRA et al, 2002, p.87). Enquanto num exemplo de hiponímia, citado por Cintra et al, dizemos que “[...] roda e cravo são incluídos na categoria flores, assim como cachorro e leão incluem-se na categoria

animal”. A hiponímia opera com a “noção de inclusão” reunindo valores unitários num único conjunto.

#### **4 CONSIDERAÇÕES**

Visto que, a relação entre conceito e linguagem interfere diretamente na construção da linguagem natural e da linguagem documentária e, conseqüentemente, na representação da informação, podemos identificar, inicialmente, algumas dificuldades existentes na representação da informação nos espaços de significação.

A priori podemos identificar algumas lacunas que a pesquisa sobre o assunto traz para serem melhores analisadas. Algumas pequenas reflexões são extraídas, e devem ser melhores estudadas. Os espaços de significação merecem uma melhor atenção por parte dos pesquisadores da área de Ciência da Informação, pois são espaços importantes que constituem uma memória documental significativa que deve ser preservada. A linguagem artificial talvez não seja capaz de captar e assegurar o acolhimento informacional desses espaços.

### **MEANINGFUL SPACES AND INFORMATION REPRESENTATION**

#### **ABSTRACT**

Discusses the use of the meaningful spaces as an environment of artistic creation, cultural and scientific cooperation, analyzing the semiotic perspective, the dynamic characteristics and constants of the representation of information, which depends primarily on the actions of individuals this space. Aiming to analyze the concept of meaningful spaces in predicting the practical scientific, this study verifies the training of scientific memoirs of scientific memoirs and their use in natural language and artificial. The research uses the method of literature review outlining the analysis of texts by researchers in the field of information science and related fields that contemplate in their studies the science as a play of forces in the field of language use and its representation. The research was divided into two parts: what are the meaningful spaces and language of representation, and the analysis of texts establishing language as a context for the action, representation and knowledge organization. This paper presents the discussion partial of first part of the research.

Key-words: Information Representation. Meaningful spaces. Language documentation. Memory documentary.



## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BURKE, Peter. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.16, n.44, p.173-185, jan./abr. 2002. Acesso em: 13/10/2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v16n44/v16n44a10.pdf>>.
- CINTRA, Ana Maria et al. **Para entender as linguagens documentárias**. 2.ed. São Paulo: Polis, 2002.
- DAHLBERG, Ingetraut. Tradução Astério Tavares Campos. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**. Rio de Janeiro, v.7, n. 2, p.101-107, 1978.
- DODEBEI, Vera Lúcia Doyle. **Tesouro**: linguagem de representação da memória documentária. Rio de Janeiro: Interciência, 2002.
- PEREIRA, Edmeire Cristina; BUFREM, Leilah Santiago. **Princípios de organização e representação de conceitos em linguagens documentárias**. Enc. BIBLI: R. eletrônica de Bibl. Ci. Inform., Florianópolis, n.20, p.21-37, 2º semestre de 2005. Acesso em: 13 dez. 2010. Disponível em: < <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/147/14702003.pdf> >.
- SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas da Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.41-62, jan./jun. 1996.